

ECONOMISTA DO ECODESENVOLVIMENTO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 20.2.2008

Ignacy Sachs, um grande intelectual, rejeita a torre de marfim da universidade e mergulha na prática, sempre em defesa dos seus ideais

"NEM PENSAR em paralisar o crescimento enquanto houver pobres e desigualdades sociais gritantes mas é necessário que esse crescimento mude quanto às suas formas de ser e principalmente quanto à repartição dos seus frutos. Precisamos de um outro crescimento para um outro desenvolvimento." Retiro essa frase da autobiografia de Ignacy Sachs, que acaba de ser publicada na França ("La Troisième Rivière", Bourin Éditeur) um pouco depois de haver ele comemorado 80 anos. Quem é Ignacy Sachs? A meu ver -e no de muitos-, é o principal economista mundial do ecodesenvolvimento. Conjuntamente com Maurice Strong e Marc Nerfin, ajudou a definir a declaração final da Conferência das Nações Unidas de Estocolmo, de 1972, a partir da qual a proteção do ambiente se transformou em problema e objetivo mundial.

Uma outra forma de definir Sachs é dizer que é um grande intelectual, que rejeita a torre de marfim da universidade -da Ecole d'Hautes Etudes en Sciences Sociales, onde ensina- e mergulha na prática. Mas o faz como o Dom Quixote-Sancho Pança do nosso tempo: sempre na defesa de seus ideais de liberdade, justiça social e defesa do meio ambiente. Sempre utópico, portanto, mas, também, sempre pragmático, sempre envolvido em definir e participar de projetos de interesse econômico, social e ambiental que fortaleçam os pobres, os camponeses principalmente, ou encaminhem a solução dos grandes problemas globais, como o do efeito estufa.

Sua nacionalidade? Eu diria que é tripla: polonesa, brasileira e francesa.

Polonesa porque Sachs nasceu na Polônia, fugiu com seus pais em 1939, retornou em 1953, foi discípulo do grande economista Michal Kalecki, e da Polônia novamente foi para o exílio em 1968, quando o anti-semitismo voltara a tomar conta do seu país de nascença. Brasileira porque viveu aqui 14 anos, aqui estudou, porque ainda tem uma residência e família no Brasil e porque transformou o Brasil e seu governo, independente do partido que esteja no poder, no principal objeto de seus conselhos e trabalhos.

Francesa porque é professor da mais prestigiosa escola de ciências sociais da França, onde fundou o Centro de Estudos do Brasil Contemporâneo.

Sachs faz parte da segunda geração dos economistas da Teoria do Desenvolvimento. A primeira foi a de Rosenstein-Rodan, Hans Singer, Gunnar Myrdal e Raul Prebisch a segunda, de Celso Furtado, Albert Hirschman e dele próprio. Conheço Inácio, como se apresenta no Brasil, há muito, mas nos últimos anos, desde que passei a ser professor associado da EHESS, onde dou anualmente um curso de um mês, nos tornamos amigos. Economista ilustre, ele, entretanto, jamais perde de vista os aspectos éticos do desenvolvimento. Para ele, não há ciência social pura. "As ciências sociais têm principalmente um papel heurístico [de nos ajudar a pensar].

Elas servem para fazer as boas perguntas e alimentar o debate social. As respostas, elas vêm da prática."

Sua lista de publicações é enorme.

Publicou livros originalmente escritos em polonês, francês, português e inglês. Não aceitou as ofertas de cargos que recebeu dentro do sistema das Nações Unidas, mas adotou o conselho de seu mestre, Kalecki, quando saiu da Polônia pela segunda vez: "Se puder, seja consultor. É absolutamente necessário adquirir uma experiência prática".

Cada vez que o encontro, ele tem novas histórias a contar. Algumas se referem a seus projetos em defesa dos pequenos, como quando assessorou o Sebrae a desenvolver um projeto de produção do dendê em unidades familiares combinadas com usinas empresariais de processamento. Outras vezes, está dando assessoria ao governo brasileiro ou às Nações Unidas sobre o desenvolvimento incluyente e auto-sustentável ou sobre o aproveitamento da biomassa para a produção de energia auto-renovável. Escreve, então, documentos. O último

que tenho em mãos, feito para a Unctad das Nações Unidas, denomina-se "The biofuels controversy", onde ele não vê conflito entre a segurança energética e a alimentar, desde que a produção de biomassa para a energia seja bem regulada pelo Estado, tendo como critérios não apenas custo, mas também interesse social e proteção ambiental.

Ignacy Sachs e sua companheira de toda a vida, Viola, especializada em letras anglo-americanas, são duas pessoas admiráveis. O livro autobiográfico originou-se de uma série de entrevistas, que duraram quase um ano, a Thierry Paquot. Mas ao final este ficou tão impressionado com a coerência das respostas, que preferiu escrever o prefácio, retirar suas perguntas e deixar o belo texto correr. Também ele se deixou encantar por essa grande figura humana e intelectual que é Ignacy Sachs.